

Beira Vouga

Redacção e Administração: Largo de José Falcão — Albergaria-a-Velha

Director, Editor e Proprietário,
VASCO DE LEMOS MOURISCA

Número 74 / 28-1-1945 / Ano IV
Comp. e Imp.: Tip. Vouga — Albergaria-a-Velha — Telef. 32

Sub-Director,
DELFIN ALVARES FERREIRA

POR AMOR da JUVENTUDE | Sobre "Civilização Ocidental"

Sob este título, publicou, recentemente, o Prof. Doutor Marcello Caetano, os seus discursos á Mocidade Portuguesa, cujo Comissário Nacional é.

Li o livro, sem (devo confessá-lo) o interesse habitual, só porque me não era desconhecido já o conteúdo.

Li-o, no entanto, com o gosto que sempre sinto com as obras de tão grande Mestre.

Em conjunto, aprende-se melhor a ideia directriz e sente-se, mais ao vivo, a alma que, nela, esplende.

Ao virar a última fôlha, tive a impressão de ter respirado uma atmosfera de Vida Nova, de ter aspirado o oxigénio puro das altitudes, onde, como disse alguém, não há miasmas.

O Doutor Marcello Caetano hipotecou a sua alma, o seu grande espírito, à Mocidade! Só por este nobilíssimo acto de altruísmo, de amor pátrio, devemos-lhe nós todos gratidão imperecível.

Quando em 1940, tomou o espinhoso cargo de a dirigir, aquela organização pouco mais era que um punhado de... projectos. Foi Ele quem lhe traçou os planos e os executou, quem lhe deu um sentido de vida, quem, numa palavra, fez dela o que ela hoje é.

Na formação cívica dos nossos rapazes, essa Organização tem um papel importantíssimo.

(Conclui na página 4)

Civilização e Cultura

PELO DR. ALVARO SOARES

O que há de fundamental na pessoa humana é o instinto, quando a consideramos sob um prisma social. As formas superiores do psiquismo, como a inteligência, a moral ou a actividade creadora, desempenham um papel muito restrito sobre o comportamento. Admitir, de uma maneira geral, que as grandes linhas da conduta se fundamentam num produto racional, corresponde, logicamente, a computar a solidez de um edifício, não consoante os seus alicerces, mas em função da espessura do papel que recobre as paredes...

As sociedades estão sólidamente edificadas sobre dois únicos pontos de apoio: o instinto de reprodução e o instinto de conservação. Estes, por sua vez, desdobram-se em tendências, produtos da evolução e da adaptação ao meio, que constituem formas especializadas do instinto. A efectivação do instinto é o primeiro e o último objectivo de todo organismo vivo, porque encerra, como energia actuante, uma qualquer modalidade de prazer.

Assim têm evoluído as sociedades univocamente para o escopo das tendências realizadas, agindo cada um dos seus elementos com a finalidade pessoal de obter a maior soma possível de prazer. As dificuldades do meio, incluindo nestas os obstáculos derivados, para cada indivíduo, da organização social, qualquer que esta seja, originaram modalidades complexas de adaptação, havendo, porém, desde que existem sociedades, homens que satisfazem cabalmente os seus instintos e homens que não podem satisfazê-los. Estes últimos, para subsistir, tiveram de obter uma forma mais complexa de adaptação; por isso, a organização humana está apta a satisfazer a mesma tendência por formas estruturalmente diferentes: ou se adquire, de facto, o objecto material que esgota a necessidade e efectiva a tendência ou, ao contrário, na sua carência, se obtém um substitutivo com a função de *representar simbólica ou alucinatória* o objecto desejado, recebendo-se, neste caso, de forma aproximada, a mesma soma de prazer. A primeira hipótese tem lugar, por exemplo, quando o homem com sede pode adquirir água para beber; o segundo caso verifica-se quando esse mesmo homem, não podendo obter a água desejada começa a delirar, a ser vítima de alucinações, em que se supõe junto de um regato refrescante. A função do delírio é, nem mais nem menos, do que manter a vida para além dos limites normalmente suportados pela tendência realizada.

Ora bem. A satisfação directa do instinto originou a civilização, com os seus dois índices: a ciência e a técnica. A satisfação simbólica ou alucinatória criou a cultura, com os seus dois termos: a vida artística e a vida moral. Para usarmos de uma expressão afectiva, podemos dizer que a civilização é filha do desejo de prazer e a cultura nasceu do medo da dor.

O esquema de desenvolvimento da civilização reduz-se, quasi, à averiguação da escassez e insuficiência dos bens susceptíveis de poderem ser consumidos pelos homens. Deste fenómeno resultou, para cada coisa, um valor, atribuído conforme a raridade do objecto considerado ou o quantitativo de esforço dispendido para o obter.

Lentamente, o homem tem conseguido descobrir processos que lhe facilitam o trabalho, produzindo mais e, quasi sempre, melhor. Em todas as sociedades têm aparecido homens mais hábeis do que outros. Nas próprias sociedades selvagens há fabricantes de flechas que atingem a um considerável prestígio. A habilidade na fabricação, a descoberta de processos facilitadores do trabalho, numa palavra: — a técnica — fez concentrar a atenção sobre o meio ambiente, implicando a descoberta de certas regularidades (leis científicas).

(Conclui na página 3)

ECOS

Apareceu, recentemente, em edição da Latina, um volumoso trabalho sobre a «Vida e Obras de Zola».

E' seu autor o grande jornalista e eminente intelectual Artur Jaime Brasil Luquet Neto. No livro vem, apenas, A. Luquet.

Muita gente, que desconhece o nome completo do famoso escritor, que é dos mais altos espíritos da crítica literária de Portugal—olhou o livro sem aquêl interesse que sempre desperta o nome dum consagrado. Eu fui um deles. Mas apenas tive conhecimento de quem se tratava, apressei-me a adquiri-lo, certo de que lerei obra magnífica.

Da impressão que me ficar, vos darei conta em breve.

O «Diário de Lisboa» achou piada ao nosso comentário (se comentário se lhe pode chamar) ao frio que pôs os lisboetas à brocha, como diz o outro.

Mais piada achámos nós, os nortenhos, ao pavor que eles sentiram com um friito que por lá passou e que quasi ia atingindo, na opinião deles, os foros de catástrofe! As plantas de estufa com qualquer friagem se ressentem.

Agradecemos ao nosso muito querido «Diário de Lisboa» (que é, sem favor, o único jornal de Lisboa que tem verdadeiro interesse) a gentileza de ter olhado do cimo do seu pedestal para este minúsculo jornalito, que, à custa de muitos esforços, vai fazendo pela vida.

Cá nesta terra lusa, os grandes

nao costumam notar os pequenos. Quando notam, a gente fica espantado!

Será a harmonia a alma da Arte ou, pelo contrário, estará no desequilíbrio a excelência do Belo?

Há dias, a montra da Livraria Figueirinhas, do Pôrto, apresentava as novidades brasileiras, numa exposição bizarra de desordem—livros de pernas para o ar (façamos de conta que os livros têm pernas, que já é uma sorte quando têm cabeça...) enviados, enfim, numa barafunda de linhas quebradas.

Parabéns ao expositor da Livraria Figueirinhas.

Em toda aquela desharmonia, notava-se dedo de Artista.

E venham para cá outros, agarrados à inquebrantabilidade dos princípios velhos como a Sé de Braga, gritar contra o exotismo destas inovações. Destas e doutras...

Em Arte é Belo tudo o que agrada à vista ou ao ouvido.

O resto é prurido de velhos, botas de elástico de retrógrados, quasi superstição de caquéticos.

o Expositor era Mestre
CONCORRA Grego Caldas

A O

"Concurso Original"

DO

BEIRA VOUGA

UMA ESPÉCIE DE CARTA ANÓNIMA

No dia 8 do corrente, apareceu, aqui pela vila, colado em vários lugares, o protesto, que a seguir transcrevemos. E' uma espécie de carta anónima a toda a gente, que é o mesmo que dizer a ninguém.

Assinava-o modestamente... «Um amigo da verdade» que tinha feito muito melhor figura se pusesse, lá, o nome. Mesmo porque quem diz a verdade parece que não tem que temer.

Houve, para aí, meia dúzia de idiotas que relincharam esta estúpida opinião:—o autor do protesto deve ser o director do «Beira Vouga» e, apenas, por o nosso director ser íntimo amigo do Sr. Dr. Jacinto de Almeida! O nosso director não se zangou e fez bem. Achou piada... riu da espantosa inteligência dos sujeitos. Porque, enfim, se o nosso director quisesse fazer protestos, não tinha onde, não tinha o jornal!...

Isto é de opereta!...

De resto e, agora, em justa defesa do correspondente do «Janeiro»: este noticiou a verdade; disse os nomes dos que viu na «Tribuna de Honra» e senão citou o nome do Sr. Dr. Jacinto de Almeida foi porque este ilustre mé-

(Conclui na página 2)